

Espíritos Superiores e livre-arbítrio

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo”. (LE, q. 122)

Será que os Espíritos Superiores sempre respeitam o nosso livre-arbítrio? Esta questão merece uma reflexão profunda por todos nós, adeptos do Espiritismo, que deverá ser iniciada com um estudo sobre o que realmente significa o livre-arbítrio.

A definição de livre-arbítrio, conforme o **Dicionário Houaiss**, é: “possibilidade de decidir, escolher em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante”.

É oportuno também vermos a explicação constante do **Dicionário Aurélio**: “Refere-se o livre-arbítrio principalmente às ações e à vontade humana, e pretende significar que o homem é dotado do poder de, em determinadas circunstâncias, agir sem motivos ou finalidades diferentes da própria ação”.

Os Espíritos Superiores afirmaram a Allan Kardec (1804 – 1869) que somente numa condição o homem goza de liberdade absoluta é “Na de um eremita no deserto, pois desde que haja dois homens juntos há direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar, portanto, nenhum deles tem mais liberdade absoluta”. (1). Isso embora diz respeito à liberdade, de forma bem evidente, também serve para a questão do livre-arbítrio com o qual está bem intimamente relacionado.

Transcrevemos de nossa palestra “Possessão – posse física do encarnado”(2), em que demonstramos que Kardec mudou de opinião a respeito da possibilidade de um Espírito tomar posse física do corpo de um encarnado, o seguinte trecho de **A Gênese**:

48. – Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. **Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar** e que, para causar maior impressão nos ouvintes, **toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta**, como emprestaria seu fato (3) a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

1 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 826, p. 430.

2 <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/8-palestras-em-slides/626-possesso-posse-fsica-do-encarnado-10h0>, baseada na pesquisa: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/191-possesso-e-incorporao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>

3 *Dicionário Aurélio*: **Fato**: Roupas, veste(s), vestuário.

Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatando-o, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. FÁ-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. (4) (grifo nosso)

Nas palestras que então fazíamos, após explicar esse trecho, ressaltando a questão de que Kardec passou a considerar a realidade da possessão física, propúnhamos a seguinte questão: um Espírito Superior poderia tomar à força o corpo de um encarnado? Resposta, quase sempre, unânime: não! Respondíamos que sim, exemplificando que, caso um Espírito Superior desejasse dar uma mensagem e o médium com o qual ele tem afinidade não quisesse ceder o seu corpo, certamente que “tomaria” do corpo dele, daria seu recado, pediria desculpas e iria embora.

Também esclarecíamos que se isso viesse a ocorrer seria numa excepcionalidade, na qual o interesse coletivo estivesse acima do individual, fruto de uma analogia a esta questão proposta aos Espíritos contida no ***Evangelho Segundo o Espiritismo***:

21. Haverá casos em que convenha se desvende o mal de outrem?

É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se torna apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nenhuma utilidade haverá nunca em divulgá-la. Se, porém, podem acarretar prejuízo a terceiros, **deve-se atender de preferência ao interesse do maior número.** Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever, pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes. – São Luís (Paris, 1860.) (5) (grifo nosso)

Com o tempo, percebemos que ainda restavam dúvidas, porquanto algumas pessoas justificavam dizendo que os Espíritos Superiores respeitam “todas” as nossas decisões, em razão do postulado de que “O Espírito goza sempre do seu livre-arbítrio”. (6). Aliás, é uma afirmativa de Kardec e não deles.

Então, nosso problema se resume na questão de termos ou não pleno livre-arbítrio em relação a todos os nossos atos e a tudo que acontece conosco, ou em nossa volta, sem qualquer interferência externa, até mesmo porque, se houver, já não mais estaríamos usando do livre-arbítrio; porém, é bom lembrar que, em ***O Livro dos Espíritos***, os Espíritos superiores disseram a Kardec que “O livre-arbítrio **se**

4 KARDEC, *A Gênese*, p. 349-351.

5 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 188.

6 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, comentário à questão 399, p. 247

desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo.” (7). (grifo nosso) O que nos fez questionar se nós, realmente, já temos plena consciência de nós mesmos. Do próprio Kardec, que não difere do aqui dito, temos:

[...] Então, do mesmo modo que se deixa gradualmente de usar a andadeira, à medida que a criança se equilibra sozinha, **os Espíritos protetores deixam entregues a si mesmos os seus protegidos, à medida que estes se tornam aptos a guiar-se pela própria inteligência.** (8) (grifo nosso)

Então, teríamos que o nosso livre-arbítrio vai se tornando cada vez mais abrangente, na medida de nossa evolução.

Em ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor***, Léon Denis (1846 - 1927), aborda a questão do livre-arbítrio no cap. XXII, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

O Espírito só está verdadeiramente preparado para a liberdade no dia em que as leis universais, que lhe são externas, se tornem internas e conscientes pelo fato de sua evolução. No dia em que ele se penetrar da lei e fizer dela a norma de suas ações, terá atingido ponto moral em que o homem se possui, domina e governa a si mesmo. Daí em diante já não precisará do constrangimento e da autoridade sociais para corrigir-se. E dá-se com a coletividade o que se dá com o indivíduo. [...]. (9) (grifo nosso)

Entendemos, que, diante de várias explicações que vimos, para elaboração desse estudo, que somente os Espíritos puros possuem livre-arbítrio pleno.

O escritor Wilson Czerski, fundador da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Paraná - ADE-PR, em sua obra ***Destino: Determinismo ou Livre-arbítrio?***, aborda a questão da seguinte forma:

O tolhimento ao exercício pleno do livre-arbítrio ocorre externa e internamente. No primeiro caso se faz presente nos determinismos planetário, social, climático, econômico. No segundo, pelo determinismo biológico, na fatalidade gerada pelas próprias escolhas antes de reencarnar; nas consequências originárias da lei de causa e efeito que se impõem muitas delas compulsoriamente e, mais sutilmente, no número restrito e mesmo inexistente de opções.

Para alguns há ainda o determinismo psicológico ou do caráter, temperamento, preferência, impulsos e experiências vivenciadas que caracterizam a personalidade. E mais nas influências dos hábitos, da moda etc. Ou seja, fatores que afetam a vida do indivíduo e não estariam sob seu controle. Em resumo diríamos que se trata do conteúdo de nossa bagagem palingenética e evolutiva.

7 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 122, p. 117.

8 KARDEC, *A Gênese*, p. 92.

9 DENIS, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, p. 347.

[...]. ⁽¹⁰⁾ (grifo nosso)

São considerações bem interessantes que nos explicam que nosso livre-arbítrio não é pleno, como na maioria das vezes pensamos ser. Fatores externos podem nos levar a aceitar alguma coisa que não foi exatamente uma escolha nossa, mas sim de outras pessoas:

[...] **embora teoricamente sejamos livres para escolher a religião que mais nos convém, nem sempre isso acontece.** Há a influência familiar – pais e cônjuges –, dos amigos. E uma vez tornados adeptos, no mais das vezes, somos conduzidos realmente como um rebanho pelos líderes até o ponto do sacrifício físico (flagelações, peregrinações, jejuns e abstinências, inclusive sexual, e até da própria vida), econômicas (dízimos ou muito além dele), sociais (hábitos, rejeição a outros grupos), psicológicos e morais. **Em certos casos há evidente manipulação da inteligência e exploração fanática.** ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

Muitos, mesmo enquadrando-se em algumas situações do contexto acima, dirão que escolheram livremente a sua religião.

Outro questionamento que faremos é: será que conseguiremos realizar uma ação que prejudique alguém, se esse alguém, na sua programação reencarnatória, não tenha que passar por aquilo que lhe queremos fazer? Exemplificando: se uma pessoa resolvesse matar uma outra que não tem, como carma, morrer assassinada. Conseguiria ela realizar o seu intento ou os Espíritos Superiores interviriam para evitar que esse fato ocorresse? Entendemos que não, e, portanto, nesse caso o nosso livre-arbítrio sofreria algum obstáculo para que tal morte não se efetivasse.

Acreditamos que é justamente isso que encontramos nessas duas questões de **O Livro dos Espíritos:**

528. No caso de uma pessoa mal-intencionada disparar sobre outra um projétil que apenas lhe passe perto sem a atingir, poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil?

“Se o indivíduo alvejado não tem que perecer desse modo, o Espírito bondoso lhe inspirará a ideia de se desviar, **ou então poderá ofuscar o que empunha a arma, de sorte a fazê-lo apontar mal**, porquanto, uma vez disparada a arma, o projétil segue a linha que tem de percorrer.”

529 a) – Podem os Espíritos que dirigem os acontecimentos terrenos ter obstada sua ação por Espíritos que queiram o contrário?

“**O que Deus quer se executa.** Se houver demora na execução, ou lhe surjam

10 CZERSKI, *Destino: Determinismo ou Livre-arbítrio?*, p. 107-108.

11 CZERSKI, *Destino: Determinismo ou Livre-arbítrio?*, p. 118-119.

obstáculos, é porque ele assim o quis.” (12) (grifo nosso)

Por outro lado, em catástrofes naturais ou mesmo as provocadas pelo próprio homem, várias pessoas, por ocorrências banais (provável ação dos Espíritos), são tiradas ou impedidas de irem à cena do evento.

Um exemplo que temos na memória foi o ataque terrorista às duas torres gêmeas do *World Trade Center*, em New York, acontecido na manhã do dia 11 de setembro de 2001, onde morreram 2.753 pessoas (13).

Em depoimentos, algumas pessoas disseram que não foram trabalhar por detalhes que lhes aconteceram no fatídico dia: não achou a chave do carro, perdeu o ônibus, demorou a encontrar um táxi, um pai morto apareceu à filha, etc. Esse último prova a interferência direta do plano espiritual, o que de certa forma, apesar do benefício a essa possível vítima, s.m.j., tolheu-lhe o livre-arbítrio.

Em ***Labirintos da Alma: Conflitos e Soluções***, a professora Aparecida Merci Spada Borges, escritora e articulista, narra um caso em que ocorreu a aparição tangível de um Espírito, vejamos:

Outro fato, digno de comentar, ocorreu com os irmãos Fábio e Francis na década de 1980. Moradores de uma grande cidade do interior paulista, ambos perfaziam diariamente um longo trajeto de carro para chegar à faculdade. Certa feita, retornando de madrugada, perceberam que um carro os seguia. Sem tempo de raciocinar, foram fechados e jogados contra a sarjeta de uma praça deserta, circundada de prédios comerciais, todos fechados àquela hora da noite. O carro vilão seguiu em alta velocidade. Os irmãos desceram e verificaram que não era possível tirar o carro dali sem ajuda, pois uma das rodas entortou e ficou presa na lataria amassada. Entraram desolados no carro, agradecidos a Deus por não ter sido pior. Não sabiam o que fazer. Em casa, a mãe aguardava a volta dos filhos como sempre, o coração angustiado e a alma em prece.

Naquela hora da noite, em que não havia movimento algum, surgiu um senhor de cabelos grisalhos, aparentando terna jovialidade, aproximou-se carinhosamente dos jovens, colocou as mãos sobre seus ombros e, sem preâmbulos, exigiu que eles fugissem.

– Mas como? – perguntaram. – O senhor pode nos ajudar a sair daqui?

– Sim, meus filhos. Mas saiam, saiam imediatamente, prossigam a pé, eu os acompanharei. Eles pretendem voltar.

– Mas é longe e as ruas estão desertas!

– Imediatamente, sigam a pé. Ou melhor, corram e não olhem para trás.

Sem saber como, os jovens chegaram à sua casa, espavoridos e cansados de tanto correr. A mãe, preocupada, agradecida a Deus e àquela criatura que auxiliou

12 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 303-304.

13 WIKIPÉDIA: https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Trade_Center

seus filhos a retornar são e salvos. Mas os meninos estavam preocupados com o carro que ficara abandonado naquela praça erma. O pai, com bom senso, tranquilizou-os:

– De manha, de manhã, meus filhos, nós iremos até lá e tomaremos as providências necessárias. Agora descansem, vocês estão muito assustados, sem contar com o cansaço.

E assim o fizeram. Na manhã seguinte, que surpresa! O carro apresentava várias marcas de bala na lataria. Principalmente na direção do banco traseiro. Os rapazes agressores haviam voltado e certamente acreditaram que os jovens estavam dormindo lá. ⁽¹⁴⁾

Certamente, existem milhares de casos em que a ação de um Espírito, seja por influir no pensamento ou agir materialmente, não permitiu que algum mal atingisse a alguém, cerceando, dessa forma, a ação, leia-se, livre-arbítrio, de quem tinha más intenções.

Na revista eletrônica digital **O Consolador nº 122**, de 30 de agosto de 2009, publicou-se o artigo “O acaso não existe; a vida é causal, não casual”, de autoria de Angélica Reis, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Kardec fez, na *Revista Espírita* de 1866, pp. 167 a 171, interessantes observações a propósito de uma tentativa de assassinato de que fora vítima o czar Alexandre da Rússia (foto). No momento do atentado, um jovem camponês chamado Joseph Kommissaroff interveio, evitando que o crime fosse consumado.



Eis o que Kardec escreveu sobre o assunto:

1) Muitos atribuirão ao acaso o surgimento do jovem camponês na cena do crime. O acaso, porém, não existe. Como a hora do czar não havia chegado, o moço foi escolhido para impedir a realização do crime, pois as coisas que parecem efeito do acaso estavam combinadas para levar ao resultado esperado.

2) Os homens são os instrumentos inconscientes dos desígnios da Providência e é por eles que ela os realiza, sem haver necessidade de recorrer para tanto a prodígios.

3) Se o jovem Kommissaroff tivesse resistido ao impulso recebido dos Espíritos, estes se valeriam de outros meios para frustrar o crime e preservar a vida do czar.

4) Uma mosca poderia picar a mão do assassino e desviá-la do seu objetivo; uma corrente fluídica dirigida sobre seus olhos poderia ofuscá-lo e assim por diante. Mas, se tivesse soado a hora fatal para o imperador russo, nada poderia preservá-lo.

Levado o caso a uma sessão espírita realizada na casa de uma família russa

14 BORGES, *Labirintos da Alma: Conflitos e Soluções*, p. 39-40.

residente em Paris, o Espírito de Moki, por meio do Sr. Desliens, explicou que mesmo na existência do mais ínfimo dos seres nada é deixado ao acaso. Os principais acontecimentos de sua vida são determinados por sua provação; os detalhes, influenciados por seu livre-arbítrio. Mas o conjunto da situação foi previsto e combinado antecipadamente por ele e por aqueles que Deus predispôs à sua guarda. ⁽¹⁵⁾.

Fica bem claro que o livre-arbítrio do indivíduo que pretendia matar o czar Alexandre da Rússia foi tolhido, por ação dos Espíritos, ele não pôde realizar o que havia planejado.

Em resposta à questão 262a, de **O Livro dos Espíritos**, os Espíritos disseram ao Codificador:

“Deus [...] **pode impor determinada existência a um Espírito, quando** este, pela sua inferioridade ou má vontade, **não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil**, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação”. ⁽¹⁶⁾ (grifo nosso)

Mais à frente, Kardec volta ao assunto:

337. Pode a união do Espírito a determinado corpo ser imposta por Deus?

“Certo, do mesmo modo que as diferentes provas, mormente **quando ainda o Espírito não está apto a proceder a uma escolha com conhecimento de causa**. Por expiação, **pode o Espírito ser constrangido a se unir ao corpo de determinada criança** que, pelo seu nascimento e pela posição que venha a ocupar no mundo, se lhe torne instrumento de castigo.” ⁽¹⁷⁾ (grifo nosso)

Ora, então estamos todos subordinados à vontade de Deus e disso resulta que a nossa submissão ao que Ele deseja é incontestável; portanto, é mais um ponto do qual concluímos que nosso livre-arbítrio não pode ser pleno.

Oportuno, trazermos as considerações de Léon Denis, uma vez que, em **Depois da Morte**, ele também refere à questão da vontade de Deus, mencionada como plano divino:

A liberdade do ser se exerce, portanto, dentro de um círculo limitado: de um lado, pelas exigências da lei natural, que não pode sofrer alteração alguma e mesmo nenhum desarranjo na ordem do mundo; de outro, por seu próprio passado, cujas consequências lhe refluem através dos tempos, até à completa reparação. **Em caso algum o exercício da liberdade humana pode obstar à execução dos**

15 REIS, *O acaso não existe; a vida é casual, não casual*, disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/122/especial.html>.

16 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 198.

17 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 223.

planos divinos; do contrário a ordem das coisas seria a cada instante perturbada. ⁽¹⁸⁾ (grifo nosso)

O constrangimento também pode ocorrer em relação aos Espíritos maus que, às vezes, são coagidos pelos Espíritos superiores a se manifestarem em reuniões mediúnicas, conforme se comprova nestes trechos da **Revista Espírita 1858**, **Revista Espírita 1859** e **Revista Espírita 1864**, respectivamente:

[...] pela evocação ele pode, como Espírito de uma ordem pouco elevada, **ser constrangido a vir a um meio que lhe desagrade.** [...]. ⁽¹⁹⁾ (grifo nosso).

[...] Sabeis que **esses Espíritos não vêm ao nosso chamado senão como constrangidos e forçados**, e que, em geral, encontram tão pouco do seu meio entre nós, que sempre têm pressa de irem. [...]. ⁽²⁰⁾ (grifo nosso)

[...] Somente certos culpados vêm com repugnância, e, nesse caso, eles não **são ali constrangidos** pelo evocador, mas **por Espíritos superiores, tendo em vista seu adiantamento.** [...]. ⁽²¹⁾ (grifo nosso)

Essas informações também constam de *O Livro dos Médiuns*, cap. XXV – Das evocações, item 282 – Perguntas sobre as evocações, questões 9ª e 10ª. ⁽²²⁾.

Concordamos com o escritor espírita José Martins Peralva (1918 – 2007), cuja opinião, em **O Pensamento de Emmanuel**, foi de que devemos entender que: “O livre-arbítrio não é absoluto, mas, sim, relativo – relativo à posição ocupada pelo homem na escala dos valores espirituais”. ⁽²³⁾

Em **Nosso Lar**, pela psicografia de Chico Xavier (1910 – 2002), encontramos a mãe de André Luiz dizendo-lhe: “[...] Relativamente à liberdade irrestrita, a alma pode invocar esse direito somente quando compreenda o dever e o pratique. [...]” ⁽²⁴⁾

Aliás, na série “André Luiz”, há vários momentos nos quais se fala de reencarnação compulsória, como por exemplo, em **Libertação** e em **Obreiros da Vida Eterna**, pela ordem:

[...] Contudo, existem, ainda, nos setores da luta humana, **milhões de renascimentos de almas criminosas que tornam ao mergulho da carne premidas pela compulsória do Plano Superior, de modo a expiarem delitos graves.** Em ocorrências dessa ordem, a individualidade responsável pela

18 DENIS, *Depois da Morte*, p. 244.

19 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 191,

20 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 179.

21 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 387.

22 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 257.

23 PERALVA, *O Pensamento de Emmanuel*, p. 201.

24 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 256.

desarmonia reinante converte-se em centro de gravitação das consciências desequilibradas por sua culpa e assume o comando dos trabalhos de reajustamento, sempre longos e complicados, de acordo com os ditames da Lei. ⁽²⁵⁾ (grifo nosso)

[...] Na esfera venturosa em que você habita, há institutos para considerar as sugestões da escolha pessoal. O livre-arbítrio, garantidor de créditos naturais, pode solicitar modificações e apresentar exigências justas, mas, aqui, as condições são diferentes... **Almas grosseiras e endividadas não podem ser atendidas em suas preferências acerca do próprio futuro, em virtude da ignorância deliberada em que se comprazem, indefinidamente**, e, de acordo com aqueles que as tutelam da região superior, **são compelidas a aceitar os roteiros estabelecidos pelas autoridades competentes, para os seus casos individuais**. [...] ⁽²⁶⁾. (grifo nosso)

É digno de nota que casos como estes, narrados nas obras de André Luiz, só vêm confirmar o que consta de *O Livro dos Espíritos*. Para nós, o fato da reencarnação ser compulsória já indica que não houve consentimento do reencarnante na escolha e programação de sua reencarnação, como geralmente é praxe acontecer aos que voltam à vestimenta física, conforme nos informa esse autor espiritual.

Em **No Mundo Maior**, encontramos duas situações nas quais julgamos não ser respeitado o livre-arbítrio dos envolvidos.

A primeira, no capítulo 13, “Psicose afetiva”, trata do caso de Antonina que, por desilusão amorosa, decide dar cabo à sua vida. Só não o consegue graças à intervenção do assistente Calderaro que, na noite em que ela pretendia se suicidar, a submeteu a um passe magnético, levando-a a uma hipnose profunda, o que fez com que sua alma emancipasse; e, nesse momento, foram levados a seu encontro dois Espíritos – o de sua mãe e o de um amigo de longas eras –, que a aconselharam a desistir da ideia. Após acordar, já mais disposta e com outro ânimo, ela não mais pensava no assunto, resolvendo carregar a sua cruz.

A segunda, no capítulo 14, “Medida salvadora”, o envolvido foi Antídio, em que Calderaro lhe impôs, como medida drástica, uma enfermidade pela qual ficaria preso ao leito por alguns meses, para evitar que ele fosse parar num hospício, dado que o alcoolismo de que era vítima fazia-o “delirar” ao se libertar um pouco do corpo e, com isso, ter contato com algumas entidades que o atormentavam e o utilizavam como uma “taça viva”. Essa ação de Calderaro foi movida em atenção às intercessões da esposa e dos dois filhos de Antídio.

Acreditamos que em ambos os casos o livre-arbítrio dos envolvidos foi tolhido a

25 XAVIER, *Libertação*, p. 99.

26 XAVIER, *Obreiros da Vida Eterna*, 1986, p. 75.

bem deles mesmos, julgamos que, com mais forte razão, isso acontecerá todas as vezes em que estiver em jogo o interesse coletivo.

Na obra **Entre os Dois Mundos**, ditada pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, via psicografia de Divaldo Pereira Franco), temos mais um caso para citar.

É o do advogado Dr. Marco Aurélio; tinha hipertensão arterial, mas não se cuidava; estava com a mulher enferma, que se lhe tornou um estorvo; ele passou a vê-la como um fardo exaustivo, que a morte natural não arrebatava. E começou a pensar seriamente e dar uma “ajudinha”, para que ela voltasse mais rapidamente ao mundo espiritual. Numa noite, consagrada à folia carnavalesca, pensou em realizar seu plano, vejamos a narrativa:

Esta é a noite ideal para libertar-me do fardo infeliz. Um pouco de arsênico e tudo estará resolvido. Com a onda festiva, não há tempo para análises cuidadosas da *causa mortis* da enferma, já desgastada pelos sucessivos derrames cerebrais de que tinha sido vítima... (27)

Tomou de um pequeno vidro, que trazia no bolso, com a substância letal e, insuflado pelo obsessor que lhe impunha a ordem de uxoricídio, derramou-o em um copo, predispondo-se a levá-lo aos lábios da enferma, que o fixava com os olhos brilhantes, como se o Espírito soubesse o que estava acontecendo. E em realidade sabia-o. Sem poder mover-se, a expressão de dor e de angústia era estarrecedora. Ele olhou-a casualmente e não pode sopitar o desespero, informando-a, nervoso, mas sem hesitação:

– Isso acabará logo. Não irá doer.

A um sinal da genitora do tresvariado, o **Dr. Arquimedes [ambos desencarnados] enviou-lhe alta carga de energia, que encontrou guarida no chakra cardíaco, fazendo-lhe o coração disparar, aumentando o bombeamento de sangue para o cérebro.** [...] As sucessivas cargas de vibração que eram absorvidas pelo coração aceleravam a circulação do sangue e os capilares cerebrais entumeceram, as artérias dilataram-se, e trêmulo, com a visão embaçada, ele **levou a mão ao peito, rolando ao chão**, quebrando o copo, derramando o líquido terrível, **contorcendo-se e desenvolvendo uma íctus cerebral.** (28) (grifo nosso)

Para não permitir que o médico envenenasse a sua esposa, a providência tomada pelos espíritos foi a de, por ação magnética, provocar um ataque cerebral (AVC) nele. Claro fica que houve, sim, intervenção no livre-arbítrio.

Vejamos o desenrolar da conversa entre Miranda e os seus instrutores:

Num momento, que nos pareceu próprio, interroguei o prestimoso Mentor:

– Ainda não me houvera ocorrido que procedesse do mundo espiritual uma

27 FRANCO, *Entre os Dois Mundos*, p. 69.

28 FRANCO, *Entre os Dois Mundos*, p. 78.

terapia tão vigorosa, quanto a que fora aplicada no aturdido advogado. Isso acontece com frequência?

Sempre afável, ele respondeu:

– Miranda, não devemos esquecer que o mundo espiritual, na sua causalidade, sempre é o agente de todas as ocorrências que têm lugar no orbe terrestre. Direta ou indiretamente, as ações que daqui procedem refletem-se na esfera física, seja **mediante a interferência dos Espíritos desencarnados em aflição ou em estado de elevação**, como também por consequência dos compromissos anteriormente assumidos.

“Assim, sendo, podemos asseverar que a esfera física é o resultado da ressonância dos labores daqui procedentes.

“No caso em tela, como ocorre com outros de correspondente conteúdo, o amor de Deus adota a terapia da compaixão, dificultando a prática de atos ignóbeis através de distúrbios orgânicos naquele que marcha para um destino inditoso. Todos são beneficiados com impedimentos à prática do mal, nada obstante, têm a liberdade de realizá-la ou não oportunamente, não sendo impedidos na sua decisão.

[...] Para os transeuntes do corpo, essas terapias salvadoras parecem desgraças, por somente verem o lado material da existência, enquanto que, em realidade, são salvadoras.”

– **Dentro desse raciocínio, podem os Benfeitores espirituais conduzir os pacientes rebeldes a uma desencarnação antecipada?**

– **Sem dúvida alguma! Não são poucas as existências humanas, que, para serem impedidas as sequências de disparates, têm o seu curto interrompido, assim**, beneficiando esses Espíritos rebeldes, teimosos e insanos. O mesmo ocorre em relação a alguns missionários do Bem, que empolgados pelas realizações executadas, desviam-se um pouco do ministério, passando a direcionar o trabalho para os impositivos dominantes da Terra. [...].

– E o restante do tempo? Como ficará?

– [...] A questão não se reduz ao período largo ou breve da realização edificante, já que não existe uma fatalidade a respeito da hora para a desencarnação das criaturas, mas um momento relativamente determinado. [...] O restante do tempo que deveria propiciar-lhe mais ensejo de realizações, fica transferido para outra oportunidade, quando então dará prosseguimento ao compromisso que sempre deve ser melhorado. ⁽²⁹⁾ (grifo nosso)

Interessante é que sempre tivemos esse pensamento, ou seja, de que os Espíritos poderiam, caso necessário, antecipar a partida para o plano espiritual de um encarnado que, cada vez mais, estava se comprometendo perante a justiça divina. Essa explicação resolve a questão, dando-nos conta de que é possível, sim, que isso aconteça, mas sempre tem por objetivo a evolução espiritual do envolvido.

Na pergunta 459 de **O Livro dos Espíritos**, Kardec indaga aos Espíritos

29 FRANCO, *Entre os dois mundos*, p. 81-83.

Superiores: *“Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?”*. Obteve como resposta: *“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, **são eles que vos dirigem.**”* ⁽³⁰⁾ Se, como aqui colocado, *“de ordinário os Espíritos nos dirigem”*, então não é impróprio concluir que realmente não somos tão livres quanto supomos ser; muitas de nossas ações são reflexos de suas interferências em nossos pensamentos e, por conseguinte, nossas vidas.

Não resta dúvida a nenhum de nós a ação dos Espíritos maus em nossas vidas; porém, pelo teor da resposta, que não restringiu somente a eles a condição de nos dirigirem, podemos estendê-la, também aos bons, que, visando o nosso progresso espiritual, às vezes interferem, segundo acreditamos, estorvando nosso livre-arbítrio a favor de nós mesmos, já que ainda não temos completa noção de nossa responsabilidade perante certos acontecimentos em nossas vidas.

Especificamente, quanto aos Espíritos maus, algo interessante consta em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. XXVII, “Preces Espiritas”, no exemplo de prece pelos obsidiados: *“O auxílio destes se faz indispensável, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque aí **não raro o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio**”*. ⁽³¹⁾ (grifo nosso) Se os maus podem tolher o nosso livre-arbítrio, por que motivo os bons também não poderiam, quando precisassem nos ajudar?

No mesmo sentido, encontramos na resposta à pergunta 501, de **O Livro dos Espíritos**, a qual transcrevemos:

Por que é oculta a ação dos Espíritos sobre a nossa existência e por que, quando nos protegem, não o fazem de modo ostensivo?

*“Se vos fosse dado contar sempre com a ação deles, não obraríeis por vós mesmos e o vosso Espírito não progrediria. Para que este possa adiantar-se, precisa de experiência, adquirindo-a frequentemente à sua custa. É necessário que exercite suas forças, sem o que, seria como a criança a quem não consentem que ande sozinha. **A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira que não vos tolha o livre-arbítrio**, porquanto, se não tivésseis responsabilidade, não avançaríeis na senda que vos há de conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se confia às suas próprias forças. Sobre ele, entretanto, vela o seu guia e, de tempos a tempos, lhe brada, advertindo-o do perigo.”* ⁽³²⁾ (grifo nosso)

A afirmação aqui destacada nos pareceu contrária à anterior (pergunta 459), sendo no sentido de que os Espíritos Superiores nada fazem que venha a tolher o

30 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 277.

31 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 452.

32 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 293.

nosso livre-arbítrio. Ora, nos caos que apresentamos aqui, neste estudo, nos apontam na direção de que interferem, sim.

Em **O Consolador**, Emmanuel, o autor espiritual, explica alguma coisa sobre o tema:

133 – *Havendo o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na vida humana, como compreender a palavra dos guias espirituais quando afirmam não lhes ser possível influenciar a nossa liberdade?*

Não devemos esquecer que falamos de expressão corpórea, em se tratando do determinismo natural, que prepondera sobre os destinos humanos.

A subordinação da criatura, em suas expressões do mundo físico, é lógica e natural nas leis das compensações, dentro das provas necessárias, mas, no íntimo, zona de pura influência espiritual, o homem é livre na escola do seu futuro caminho. Seus amigos do invisível localizam aí o santuário da sua independência sagrada.

Em todas as situações, o homem educado pode reconhecer onde falam as circunstâncias da vontade de Deus, em seu benefício, e onde falam as que se formam pela força da sua vaidade pessoal ou do seu egoísmo. Com ele, portanto, estará sempre o mérito da escolha, nesse particular. ⁽³³⁾ (grifo nosso)

Entendemos que, segundo Emmanuel, só exercemos o livre-arbítrio na escolha do futuro caminho, já que muito dos nossos sofrimentos e dificuldades atuais já são efeitos do seu uso em outras existências; por isso, torna-se, para nós, um determinismo.

Ainda resta-nos apresentar o que encontramos em **O Livro dos Médiuns**. É o que faremos agora, transcrevendo do cap. XXI, “Influência do meio”, o seguinte trecho do item 231:

2. Os Espíritos superiores não podem vencer a má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam?

– **Sim, quando o julgam útil**, e segundo a intenção da pessoa que os consulta. Já o dissemos: os Espíritos mais elevados podem às vezes comunicar-se, para um auxílio especial, malgrado a imperfeição do médium e do meio, mas, então, estes lhe permanecem completamente alheios. ⁽³⁴⁾ (grifo nosso)

A não ser que estejamos totalmente equivocados, isso vem justamente corroborar o que dissemos, ou seja, que um Espírito superior vence a má vontade do médium, quando julgar útil a sua manifestação.

Vejamos agora algo importante, sobre o que talvez muitos de nós espíritas não

33 XAVIER, *O Consolador*, p. 84-85.

34 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*. p. 207.

tenhamos o mínimo conhecimento, mas que julgamos oportuno para reavaliarmos o nosso conceito de livre-arbítrio ou qual é o grau de autoridade que os Espíritos superiores têm sobre cada um de nós. Trata-se de um trecho de uma entrevista de Francisco Cândido Xavier (1910 – 2002) publicada no *O Espírita Mineiro*, nº 205, de abr/jun de 1988, órgão oficial de divulgação da União Espírita Mineira – UEM, conforme consta do livro ***Chico Xavier, um Mandato de Amor***:

[...] Fiquei muito admirado e as tarefas prosseguiram. Quando alcançamos o número de 100 volumes publicados, voltei a consultá-lo sobre o termo de nossos compromissos. Ele esclareceu, com bondade: “Você não deve pensar em agir e trabalhar com tanta pressa. **Agora, estou na obrigação de dizer a você que os mentores da Vida Superior, que nos orientam, expediram certa instrução que determina seja a sua atual reencarnação desapropriada, em benefício da divulgação dos princípios espíritas-cristãos, permanecendo a sua existência do ponto de vista físico, à disposição das entidades espirituais que possam colaborar na execução das mensagens e livros, enquanto o seu corpo se mostre apto para as nossas atividades**”.

Muito desapontado, perguntei: então devo trabalhar na recepção de mensagens e livros do mundo espiritual até o fim da minha vida atual? Emmanuel acentuou: “Sim, não temos outra alternativa!” Naturalmente, impressionado com o que ele dizia voltei a interrogar: **e se eu não quiser, já que a Doutrina Espírita ensina que somos portadores do livre-arbítrio para decidir sobre os nossos próprios caminhos?** Emmanuel, então, deu um sorriso de benevolência paternal e me cientificou: **“A instrução a que me refiro é semelhante a um decreto de desapropriação, quando lançado por autoridade na Terra. Se você recusar o serviço a que me reporto, segundo creio, os orientadores dessa obra de nos dedicarmos ao Cristianismo Redivivo, de certo que eles terão autoridade bastante para retirar você de seu atual corpo físico!”** Quando eu ouvi sua declaração, silencieei para pensar na gravidade do assunto, e continuo trabalhando, sem a menor expectativa de interromper ou dificultar o que passei a chamar de “Desígnios de Cima”. ⁽³⁵⁾ (grifo nosso)

Observe, caro leitor, que não resta dúvida de que o nosso querido Chico Xavier foi constrangido a executar a obra de divulgação da doutrina; portanto, ele não pôde exercer o seu livre-arbítrio, coisa que até questionou a seu mentor Emmanuel. Resignado, assumiu essa nobre missão, à qual se dedicou com muito amor e responsabilidade, aceitando, inclusive, os sofrimentos que passaria em razão disso. Um exemplo que todos nós, os espíritas, deveríamos seguir.

E, para finalizar, trazemos as considerações de Paulo Henrique Wedderhoff, professor da Faculdade Doutor Leocádio José Correia – FALEC, constante do artigo ***“Voo TAM 3054 - Acaso, Destino ou livre-arbítrio?”***:

35 UEM, *Chico Xavier, um Mandato de Amor*, p. 259-260.

Precisamos pensar mais profundamente sobre o assunto, e tentar construir uma resposta que sobreviva ao teste da lógica e seja coerente com o que sabemos dos princípios doutrinários do espiritismo. Entre eles destacamos o princípio do livre-arbítrio. **Este princípio não significa que temos controle de tudo, mas que somos responsáveis sobre os desdobramentos daquilo que está sob o nosso controle. O Espiritismo entende que livre-arbítrio é o espírito agindo no limite do seu conhecimento e sendo responsável na medida do seu entendimento.**
(³⁶) (grifo nosso)

Acreditamos que assiste razão ao nobre professor, pois talvez o que precisamos mesmo é refletir mais profundamente sobre o assunto. Na atual condição de Espíritos, vivendo em um planeta de provas e expiações, podemos dizer que nem saímos do couro, ou seja, somos ainda crianças, espiritualmente falando.

Portanto, nosso livre-arbítrio é bem relativo e se reporta apenas a algumas conquistas provenientes de nossa experiência como Espíritos eternos. Livre-arbítrio pleno somente os Espíritos puros o têm, por já possuírem conhecimento moral e intelectual para decidir o que é melhor para eles e também para os que lhes seguem as pegadas, uma vez que nessa condição são os fiéis executores do cumprimento da vontade de Deus.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Jul/2013.
(Versão 9 – jan/2019)
Revisado por Hugo Alvarenga Novaes

Referências bibliográficas:

- BORGES, A. M. S. *Labirintos da Alma: Conflitos e Soluções*. Brasília: FEB, 2014.
CZERSKI, W. *Destino: Determinismo ou Livre-arbítrio?* Capivari, SP: EME, 2012.
DENIS, L. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
DENIS, L. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
FRANCO, D. P. *Entre os dois mundos*. Salvador: LEAL, 2005.
KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. São Paulo: Lake, 2006.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993
KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*, Araras, SP: Ide, 1993.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*, Araras, SP: Ide, 1993.
PERALVA, J. M. *O Pensamento de Emmanuel*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA – UEM. Chico Xavier, um Mandato de Amor. Belo Horizonte: UEM,

36 WEDDERHOFF, *Voo TAM 3054 – acaso, destino ou livre-arbítrio?*, p. 8.

1992.

XAVIER, F. C. *Libertação*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. *No Mundo Maior*. Rio de Janeiro: FEB, 1984.

XAVIER, F. C. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

XAVIER, F. C. *O Consolador*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. *Obreiros da Vida Eterna*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

Internet

https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Trade_Center, acesso em 24.07.2013, às 18:04h.

REIS, A. *O acaso não existe; a vida é casual, não casual*. Londrina, PR: O Consolador, 30 de agosto de 2009, disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/122/especial.html>, acesso em 22.05.2015.

WEDDERHOFF, P. H. *Voo TAM 3054 - acaso, destino ou livre-arbítrio?* In *Documentos SBEE, nº 28*. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2008, p. 8-9, disponível pelo link: http://www.sbee.org.br/documentos/Doc_28-V1.pdf, acesso em 26.07.2013.

Este texto foi publicado:

- revista **Espiritismo & Ciência Especial** nº 65. São Paulo: Mythos Editora, set/2013, p. 14-24 (versão anterior).